

Lesbianidades na plataforma Pornhub: categorias e subcategorias¹

Raabe Cesar Moreira Bastos²

Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG

Resumo

Esta pesquisa investiga os tensionamentos de gênero e sexualidade que emergem dos títulos de vídeos com a palavra *lésbica* na plataforma Pornhub, analisando mil intitulações. Combinando métodos quantitativos e qualitativos, com ferramentas de análise textual em Python, foram identificadas seis subcategorias, de forma que as vinculamos às discussões teóricas dos estudos de gênero, sexualidade, pornografia e plataformas digitais.

Palavras-chave: plataformização; pornografia. Pornhub; lesbianidades.

Investigamos os tensionamentos de gênero e sexualidade que emergem dos títulos de vídeos com a palavra *lésbica* na plataforma Pornhub, com análise a partir de mil títulos classificados como “mais relevantes”, em uma constelação discursiva no maior repositório de pornografia do mundo. A investigação articula gênero, sexualidade, pornografia e os estudos de plataforma, compreendendo os títulos como práticas discursivas performativas e instâncias de produção e circulação de sentidos sobre o corpo, o prazer, as práticas e as identidades. Com base em uma metodologia mista, combinando estratégias quantitativas e qualitativa, optando pela coleta manual, compusemos um arquivo, retrato do que foi considerado “mais relevante” pela plataforma. A extração foi seguida de um tratamento automatizado com ferramenta de análise textual, Python, o que permitiu o mapeamento de termos recorrentemente associados à palavra *lésbica*, a construção de nuvens de palavras, grafos e tabelas e, posteriormente, a análise de um vídeo de cada subcategoria. Essa cartografia semântico-discursiva revelou seis subcategorias predominantes, segmentos que, ao emergirem, operam como indícios dos desejos socialmente mediados e mercadologicamente distribuídos no ambiente digital pornográfico.

O Pornhub se faz de valia para pensar tensionamentos pois se trata de um dos sites mais acessados em todo o mundo, sendo uma produção coletiva e colaborativa, visto que todos os usuários podem submeter vídeos na plataforma, de maneira que a

¹ Trabalho apresentado no GP10 Comunicação, Alteridade e Diversidade, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais (PPGCOM/UFMG). E-mail: raabebastos19@gmail.com.

nomeação dos materiais por diversas subjetividades faz emergir tensionamentos. Plataformizado, o Pornhub permite uma série de interações usuário/usuário e usuário/plataforma, seu caráter de colaboração pode operar como produção de poder e saber, reconfigurando controles. Criado em 2007, tem cerca de 100 milhões de usuários diários, possibilitando a construção de identificação através de postagem de vídeos, curtidas, comentários, conversas, sexo virtual e venda de materiais eróticos, além de ser o maior espaço publicitário da indústria. Localizá-lo em suas dimensões culturais como agente na organização e produção de discursos é destacar as visibilidades por ele endossadas, fundamentadas e conformadas. A maneira como tais mídias influenciam na distribuição do visível e invisível impacta no gênero e na sexualidade, de maneira que uma plataforma que centraliza sua produção e distribuição no corpo, pode escancarar ainda mais tensionamentos no que tange às práticas e identidades que geram subjetivação, são negociações exercidas nos e por corpos, possibilitando experiências através da partilha de uma mesma matriz cultural.

As ferramentas de busca das plataformas, nada neutras e voltadas as lógicas mercadológicas, fazem parte dos “mecanismo de vigilância sobre nossos comportamentos, desejos e práticas, atuam de forma muitas vezes discriminatória (em termos de gênero, raça, sexualidade, classe social, geração) e movidas por interesses basicamente comerciais” (Parreiras, 2024, p. 6). São ferramentas estritamente vinculadas aos algoritmos, criando personalização e predições de ações e possíveis interesses por meio de aprendizagem de máquina e absorção das rotinas de buscas e navegações. Aqui, percebemos as ligações entre pornografia e plataformização, na qual os dados quantitativos dizem também respeito ao cotidiano e as práticas dos sujeitos. Assim, “estamos falando de um contexto de datificação da própria pornografia, bem como da existência [...] de uma empresa/plataforma que vem fazendo um uso estratégico de seus dados de acesso, criando inclusive uma parte específica de sua organização para lidar com estes dados” (p. 8).

Com a busca por *lésbica*, a plataforma entregou resultados de todo o mundo em traduções feitas por sua própria IA, revelando subcategorias que condensam sentidos recorrentes que, mais do que representar, performam modos de ver, desejar e organizar os corpos lésbicos na lógica pornográfica e plataformizada, sendo: *amigas*, *milfs*, *orgias*, *trans*, *parentalidades* e *práticas*. As palavras, aqui, não são neutras, antes, constroem

inteligibilidades, inscrevem pedagogias do prazer, instauram convenções e abrem brechas. A categoria *lésbica* aparece, então, como palavra-chave, como índice de desejo e como superfície de inscrição dos embates entre norma e dissidência. Ao olhar para os títulos como territórios de disputa, este trabalho aponta para a potência política do texto pornográfico e sua capacidade de tensionar as fronteiras entre o visível e o invisível, o desejável e o normativo, o corpo e o código. No entrelaçamento de lesbianidades, pornografia e plataforma, buscamos os rastros de uma linguagem que faz do gozo também um campo de batalha.

Percebemos uma série de tensionamentos nas subcategorias, também nos títulos e nos vídeos que serão analisados, como questões relacionadas à heterossexualidade compulsória, à fetichização, ao racismo, à degradação, ao incesto, à homonormatividade, ao apagamento lésbico, mas também à resistência, à transgeneridade e uma série de outras possibilidades para pensarmos as lesbianidades, em todos os seus tensionamentos, postas na plataforma Pornhub.

Nesse contexto, teoricamente, no campo dos estudos de gênero e sexualidade, trabalhamos principalmente com Judith Butler (1988, 2018, 2020, 2022), Paul Preciado (2011, 2014, 2017, 2023), Monique Wittig (2022), Gayle Rubin (2013), Adrienne Rich (2010), Mario Mieli (2023), Gloria Anzaldúa (2021) e Tanya Saunders (2017), cujas obras interrogam os fundamentos da identidade, os regimes de poder que atravessam os corpos e as possibilidades de dissidência sexual. No debate sobre pornografia, ancoramo-nos nas contribuições de Linda Williams (1999, 2012), Paul Preciado (2011, 2014, 2017, 2023), Carolina Parreiras (2010, 2012, 2024), María Elvira Díaz-Benítez (2021), Maria Filomena Gregori (2016) e Lorena Caminhas (2018, 2023), autorias que tratam o pornô como artefato cultural, discurso político e tecnologia de subjetivação. Por fim, os estudos de plataforma, com destaque para os trabalhos de d'Andrea (2020) e Parreiras (2024), que nos fornecem as ferramentas necessárias para compreender a dimensão técnica e algorítmica das mediações contemporâneas do desejo.

Referências

ANZALDÚA, G. **A vulva é uma ferida aberta**. Rio de Janeiro: A Bolha, 2021.

BUTLER, J. Os atos performativos e a constituição do gênero: um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista. **Caderno de leituras**, n. 78, 1988.

BUTLER, J. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. José Olympio, 2018.

BUTLER, J. **Corpos que importam**: os limites discursivos do “sexo”. n-1 edições, 2020.

BUTLER, J. **Desfazendo gênero**. São Paulo: Editora Unesp, 2022.

CAMINHAS, L. A midiatização dos mercados do sexo e a configuração da experiência erótica mediada. **Galáxia** (São Paulo), p. 162-174, 2018.

CAMINHAS, L. Os mercados erótico-sexuais em plataformas digitais: o caso brasileiro. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 38, n. 111, p. e3811027, 2023.

D’ANDRÉA, Carlos. **Pesquisando plataformas online**: conceitos e métodos. 2020.

DÍAZ-BENÍTEZ, M.; GADELHA, K.; RANGEL, E.. Nojo, humilhação e desprezo. **Anuário Antropológico**, v. 46, n. 3, p. 10-29, 2021.

GREGORI, M. **Prazeres perigosos**. Erotismo, gênero e limites da sexualidade. São Paulo, Companhia das Letras, 2016.

MIELI, M. **Por um comunismo transexual**. São Paulo: Boitempo, 2023.

PARREIRAS, C. **Beijos, atos, orgasmos e telas**: o sexo em exibição. 2010.

PARREIRAS, C. Internet e mercado erótico: notas etnográficas sobre x-sites. V **ENEC-Encontro Nacional de Estudos do Consumo**, 2010.

PARREIRAS, C. **Altporn, corpos, categorias e cliques**: notas etnográficas sobre pornografia online. Cadernos pagu, p. 197-222, 2012.

PARREIRAS, C. Reflexões sobre big data, sexualidades, datificação e moralidades no pornô digital. **Mana**, v. 30, n. 2, p. e2024015, 2024.

PRECIADO, P. Multidões queer: notas para uma política dos "anormais". **Revista Estudos Feministas**, v. 19, p. 11-20, 2011.

PRECIADO, P. **Pornotopia: An essay on Playboy’s architecture and biopolitics**. Princeton University Press, 2014.

PRECIADO, P. **Manifesto contrassexual**. São Paulo: n-1 edições, 2017.

PRECIADO, P. **Testo junkie**: sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2023.

RICH, A. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. **Bagoas-Estudos gays: gêneros e sexualidades**, v. 4, n. 05, 2010.

RUBIN, G. *Thinking Sex: Notes for a Radical Theory of the Politics of Sexuality*. Routledge, 2013. p. 100-133.

SAUNDERS, T. Epistemologia negra sapatão como vetor de uma práxis humana libertária. **Revista periódicus**, v. 1, n. 7, p. 102-116, 2017.

WILLIAMS, L. Hard Core: Power, Pleasure, and the "frenzy of the Visible". 1999.

WILLIAMS, L. Screening sex: revelando e dissimulando o sexo. **Cadernos Pagu**, 2012.

WITTIG, M. **O pensamento hétero e outros ensaios**. Autêntica, 2022.